

Sumário

1. Sincronia e diacronia	7
2. O problema da palavra	10
Palavra e unidade acentual	10
Palavra e homonímia	11
Palavra e lexia	11
3. A segmentação morfológica	13
As unidades mínimas significativas	13
A dupla articulação da linguagem	15
A importância do sentido	16
4. Alomorfes e morfema zero	18
Alofones e alomorfes	18
A forma básica	20
Alomorfe ou morfema	22
Morfema zero (ø) e alomorfe zero (ø)	23
5. Classificação dos morfemas (1)	26
Radical	26
Afixos: prefixos e sufixos	27
Desinências	28
Desinências de gênero	29

Desinências de número _____	31
Desinências verbais _____	32
Vogais temáticas _____	34
Vogais temáticas nominais _____	34
Vogais temáticas verbais _____	36
Vogais e consoantes de ligação _____	37
6. Classificação dos morfemas (2) _____	40
Morfemas aditivos _____	40
Morfemas subtrativos _____	42
Morfemas alternativos _____	43
Morfemas reduplicativos _____	45
Morfema de posição _____	46
Morfema zero (ø) _____	47
7. Conclusão _____	48
8. Exercícios de aplicação _____	51
9. Vocabulário crítico _____	65
10. Bibliografia comentada _____	69

1

Sincronia e diacronia

Considerando-se que uma língua é o resultado de evoluções ocorridas ao longo dos séculos, podemos enfocá-la de dois pontos de vista diferentes: ou fixamo-nos no estado atual, com preocupações marcadamente descritivas (enfoque sincrônico), ou procuramos compreender-lhe o processo evolutivo, acompanhando-a desde as mais antigas fases até hoje, o que se torna tanto mais realizável quanto mais dispusermos de documentos escritos da língua em questão (enfoque diacrônico).

Não julguemos, todavia, que a utilização de uma ou de outra postura seja uma mera questão de escolha; sincronia e diacronia podem contrapor-se quanto a métodos e resultados.

Tomemos, a título de ilustração, o verbo *pôr*. Nossas gramáticas consideram-no como uma anomalia da segunda conjugação. Realmente, a evolução histórica da língua portuguesa confirma essa observação.

O verbo *ponere*, em latim, evolui normalmente para *pôr*, em português, conforme se pode observar na cadeia evolutiva:

ponere > *ponere* > *poner* > *põer* > *poer* > *pôr*

Essas diferentes formas são decorrentes de transformações fonéticas bem caracterizadas através dos séculos e suficien-

temente explicitadas em nossas gramáticas históricas. Não é nosso objetivo, aqui, especificar os detalhes esclarecedores das etapas apontadas; interessa-nos, sim, mostrar que *poer*, da segunda conjugação, evolui para *pôr*, e que vestígios da antiga forma *poer* encontramos em adjetivos como *poente* e *poedeira*.

Podemos, entretanto, chegar à mesma conclusão se dispensarmos a explicação histórica e fixarmos-nos no funcionamento do português atual.

Observemos, p.ex., que algumas das formas conjugadas do verbo *pôr* apresentam a vogal temática *-e-*, da segunda conjugação: *pusEmos*, *pusEra*, *pusEsse*.

Acrescente-se, também, que as três conjugações do português constituem paradigmas caracterizados pelo fato de serem representados por vários verbos: pertencem à primeira conjugação verbos como *amar*, *cantar*, *falar* etc.; *beber*, *comer*, *correr* etc. ilustram a segunda conjugação; a terceira conjugação é representada por verbos como *existir*, *partir*, *sumir* etc.

Ora, verbo em *-or* só temos um: *pôr*, que dá origem a derivados como *contrapor*, *decompor*, *repor* etc. Portanto, o verbo *pôr* não constitui paradigma como os demais verbos acima mencionados.

Essas observações podem levar-nos a crer que, afinal, a escolha de uma posição sincrônica ou diacrônica é indiferente, visto que ambas conduzem ao mesmo resultado.

Notemos, contudo, que nem sempre o resultado é o mesmo. Sirva-nos de exemplo o verbo *comer*.

Em latim, o verbo correspondente a *comer* é *edĕre*, com radical *ed-*. No presente do indicativo, algumas formas desse verbo se confundiam com o verbo *esse*: ao lado de *edo*, *edis*, *edit*, havia as variantes *edo*, *es*, *est*.

Com o objetivo de diferenciar mais esses dois verbos, o latim vulgar da península Ibérica antecederá o primeiro de um prefixo, *cum-* (que exprime companhia), e o resultado, *cum edĕre* / *cumedere*, em virtude de uma série de

transformações fonéticas, produzirá a forma *comer*. O cotejo de *comer* com *comida*, *comilança*, *comilão* conduz-nos à conclusão de que o radical comum a essa série é *com-* (diferentemente do radical latino *ed-*).

Esse exemplo permite-nos constatar que nem sempre os enfoques sincrônico e diacrônico levam às mesmas conclusões.

De um ponto de vista metodológico, é aconselhável, portanto, que se separem as duas posições. Adotaremos, ao longo de nossa exposição, uma postura sincrônica com relação a alguns aspectos da morfologia portuguesa, porque acreditamos que o conhecimento dos mecanismos de funcionamento de um idioma no seu "aqui e agora" deve anteceder as explicações de caráter histórico, indiscutivelmente necessárias e esclarecedoras, mas que devem ser invocadas num segundo momento.

2

O problema da palavra

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), a morfologia deve ocupar-se das palavras quanto à sua estrutura e formação, bem como quanto às suas flexões e classificação.

Concentrando-se a morfologia na palavra, é necessário, inicialmente, que levantemos e discutamos algumas propostas de caracterização desse elemento.

Ainda segundo a NGB, a palavra, considerada, do ponto de vista fonético, como constituída de fonemas e sílabas e provida ou não de tonicidade, recebe a designação de *vocábulo*; *palavra* é a denominação mais adequada se enfocarmos o ponto de vista semântico. Não levaremos em conta, aqui, essa distinção, e os dois termos serão utilizados como sinônimos.

Apresentamos, em seguida, alguns critérios com vistas à caracterização da palavra, assinalando as dificuldades correspondentes.

Palavra e unidade acentual

Tomemos, por exemplo, um critério fonético: a palavra seria uma unidade acentual, um conjunto marcado por um só acento tônico.

Não há dúvida de que *mármore*, *xícara*, *café* correspondem ao critério proposto; contudo, uma expressão como *com o chinelo* também satisfaz à exigência acima — a preposição *com* e o artigo definido *o* são átonos e o substantivo *chinelo* é paroxítono; o grupo apresenta um só acento tônico, mas não constitui uma palavra do ponto de vista gráfico. Em resumo, existem unidades acentuais que não são palavras; esse critério fonético revela-se parcial e, portanto, insuficiente.

Palavra e homonímia

Se procurarmos caracterizar a palavra sob o aspecto semântico, os casos de homonímia revelar-se-ão problemáticos. Consideram-se homônimas as formas lingüísticas de mesma estrutura fonológica, porém inteiramente distintas quanto ao ponto de vista significativo.

Poderíamos afirmar que *manga*, nos seus diferentes significados, é uma só palavra; ou haveria tantas palavras *manga* quanto os diversos significados correspondentes? A resposta é menos simples do que parece; basta levar em conta as divergências dos dicionários, relativamente à solução do problema.

Acrescente-se, ainda, que o fato de a palavra ter um sentido atualizado dentro de um contexto específico (frasal/textual), o que gera o fenômeno da polissemia (possibilidade de variações de sentido em função dos diferentes contextos), impede o estabelecimento de limites claros entre esta última e a homonímia.

Palavra e lexia

Vejam-se o conceito de lexia, proposto por Bernard Pottier, pode ser-nos de alguma utilidade para a caracterização do vocábulo.

Segundo o autor, entende-se por *lexia* a unidade lexical memorizada. Dentre os diferentes tipos de *lexia*, destacamos, aqui, as *lexias* simples e as compostas.

B. Pottier propõe alguns testes formais para a determinação das *lexias*, dos quais um dos mais operatórios é o da não-separabilidade dos elementos componentes. Aplicando-o ao substantivo composto *guarda-chuva*, p.ex., notemos que qualquer modificador acrescentado a esse substantivo não pode romper o grupo em questão:

guarda-chuva novo / novo guarda-chuva
* *guarda-novo-chuva* (construção inaceitável)

Não é o que se observa com um vocábulo como *obedecerei*. O acréscimo de um pronome pessoal oblíquo a essa forma verbal acarreta a separação de seus elementos constitutivos: *obedecer-te-ei*. Assim sendo, *obedecerei* não seria uma *lexia*, embora possa ser reconhecido como uma palavra.

Assinalemos, contudo, que, se não podemos estabelecer correspondência automática entre palavra e *lexia* simples (como o ilustrou o exemplo acima), o teste da não-separabilidade permite-nos levantar um grande número de compostos não-dicionarizados. Sirva-nos de exemplo a expressão *casa de detenção*. Qualquer adjetivo a ela acrescentado não pode ocupar posição interna relativamente ao grupo:

casa de detenção abandonada
* *casa abandonada de detenção* (construção inaceitável)

Ora, o comportamento de *casa de detenção* é o mesmo do grupo *guarda-chuva*, acima apontado. São, portanto, dois exemplos de substantivos compostos.

Os critérios apresentados neste capítulo não são os únicos possíveis. Revelam, todavia, a complexidade que caracteriza a palavra e, por conseguinte, as dificuldades da elaboração de uma morfologia baseada nesse elemento.

3

A segmentação morfológica

As unidades mínimas significativas

Expusemos, no capítulo anterior, algumas dificuldades associadas à caracterização do vocábulo. Partiremos, aqui, da hipótese de que a palavra é um elemento de constituição complexa, cuja análise poderá conduzir a uma base mais rigorosa para os estudos morfológicos.

Tomemos, a título de ilustração, a forma verbal *falávamos*. Como a conjugação verbal portuguesa é caracterizada por uma riqueza de flexões, é possível comparar a forma proposta com as demais que a ela se associam. Estabeleceremos, como princípio, que as comparações devem ser feitas por pares; cada par deve apresentar uma só relação de semelhança e uma só relação de diferença. Comparemos, inicialmente,

falávamos
falava

O elemento comum (relação de semelhança) é *falava*; o elemento diferencial é *-mos*, que só ocorre na primeira forma.

Consideraremos, também, que os elementos destacados devem ter um valor significativo. No par acima, *-mos* indica que a ação expressa no passado é realizada por um grupo de pessoas, entre as quais se inclui o falante.

A forma comum — *falava* — é igualmente decomponível, como o mostra a comparação seguinte:

falava
fala

O segmento destacado — *-va* — indica que a ação expressa pelo verbo se desenrola num passado que se prolonga (pretérito imperfeito do indicativo).

Convém assinalar que nem sempre um único par nos permite depreender o segmento correto. Outros pares devem ser estabelecidos para confirmar ou infirmar certos resultados. Se tivéssemos comparado *falava* com *falara*, teríamos isolado o *-v-*. O recurso a outras comparações — *falava / fala; falava / falasse* — permite-nos corrigir esse resultado para *-va*.

Podemos ainda prosseguir com um novo par,

fala
falo

que nos fornece os segmentos *-a* e *-o*. Como a forma proposta é *falávamos*, interessa-nos o *-a*. Baseados exclusivamente nesse par, deveríamos interpretar *-a* como índice de terceira pessoa do singular do presente do indicativo (em oposição ao *-o*, marca de primeira pessoa do singular do mesmo tempo).

Mais uma vez, a comparação com as outras formas do mesmo verbo vai conduzir-nos à interpretação correta; *falAva, falAremos, falAriam*, embora correspondam a tempos e pessoas diferentes, apresentam a mesma vogal *-a-*, que é, na verdade, marca da primeira conjugação.

Finalmente, comparando

fala
chora

destacamos os elementos *fal-* e *chor-*, que indicam ações diferentes.

Portanto, a forma verbal apresentada é constituída de quatro elementos: *fal + á + va + mos*.

Com relação a esses segmentos, convém ressaltar os seguintes aspectos:

1) são unidades portadoras de sentido;

2) são elementos recorrentes, de grande produtividade na língua; *fal-* figura em toda a conjugação do verbo *falar*, bem como em derivados, como *falador*; *-a-* é marca de todos os verbos da primeira conjugação (*falar, cantar, chorar*); *-va-* caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo de qualquer verbo da mesma conjugação (*falava, cantava, chorava*); *-mos* é índice de primeira pessoa do plural, independentemente de tempo, modo e conjugação (*falamos, falássemos, temíamos*);

3) a ordem desses segmentos é rígida; qualquer alteração resulta em formas inaceitáveis na língua (p.ex.: **falámosva*).

Como são elementos contíguos, podem ocorrer alterações fonológicas em alguns deles. Em português, são frequentes os casos de crase e de elisão. Se compararmos *gosto* com *gostoso*, destacamos apenas *-so*, como elemento diferencial; contudo, os pares *creme / cremoso, sabor / saboroso* permitem-nos depreender *-oso*. Trata-se do mesmo segmento, visto que o segundo membro de cada par apresenta um traço significativo comum. A vogal final de *gosto* e a inicial de *-oso*, por serem idênticas, fundiram-se, de acordo com a regra fonológica da crase. Com relação ao par *creme / cremoso*, notamos que o *-e*, átono, de *creme* se elide diante do *o-* de *-oso*; trata-se, agora, de um caso de elisão.

Essas unidades mínimas significativas recebem o nome específico de morfemas.

A dupla articulação da linguagem

Baseando-nos, agora, no par

fala
mala

destacamos *f-* e *m-*, que já não são elementos providos de sentido. A substituição de *f-* por *m-* contribui, entretanto, para distinguir os vocábulos *fala* e *mala*.

Essas unidades distintivas, desprovidas de sentido, recebem a designação de fonemas. Convenciona-se representar os fonemas entre barras oblíquas: /f/ e /m/.

Os pares caracterizados por apresentarem formas que se distinguem por um só traço diferencial são designados como pares mínimos. Quando, na comparação das formas, a substituição de um traço por outro acarreta uma mudança de sentido, realizamos o que se denomina uma comutação.

Entre os morfemas e os fonemas, há uma diferença qualitativa: enquanto aqueles são significativos, estes são distintivos. Com base nessa oposição, André Martinet estabelece a teoria da dupla articulação da linguagem: a uma primeira articulação, representada por unidades significativas (que A. Martinet designa como monemas), acrescenta-se uma segunda articulação, de unidades distintivas (os fonemas).

Convém esclarecer que, ao contrário do que nossa exposição poderia levar a crer, as técnicas de análise fonológica se desenvolveram primeiro; posteriormente, foram transpostas para o terreno da morfologia.

Embora o termo *monema*, segundo A. Martinet, não seja exatamente sinônimo de *morfema*, é esta última designação que se vem generalizando cada vez mais e que manteremos ao longo deste trabalho.¹

A importância do sentido

O valor significativo dos morfemas tem algumas implicações, que passamos a expor a seguir.

¹ Remetemos o leitor interessado ao vocabulário crítico, para os devidos esclarecimentos de detalhes terminológicos.

Os pares *canta / cantas* e *mesa / mesas* permitem-nos depreender *-s*. Ocorre que, no primeiro, o elemento destacado indica segunda pessoa do singular, ao passo que, no segundo, é marca de número plural. Como os valores significativos são diferentes, devemos reconhecer, aí, dois morfemas homônimos.

Além da diferença de significado entre os dois, há também diferenças de caráter formal. O *-s* de *cantas* opõe-se às terminações de outras formas (*canta, cantamos, cantais, cantam*); com relação a *mesas*, a única oposição que podemos estabelecer é entre *mesa* e *mesas*.

Ao operarmos com determinados pares, devemos evitar as falsas comutações, que podem levar-nos a destacar elementos desprovidos de sentido. Assim, a comparação entre os membros do par *lei / legal* pode sugerir-nos que *-i* e *-gal* são morfemas, o que é falso, visto que não são, em português, segmentos portadores de significado. Temos, aqui, um elemento indecomponível — *lei* — e uma forma variante *leg-*.

Cumpra, ainda, esclarecer que os segmentos comuns ao par devem ter o mesmo valor semântico. Para determinar os morfemas de *capacidade*, não poderíamos compará-lo com *capa* ou com *cidade*, que, embora existentes em português, não têm nenhuma relação significativa com o vocábulo proposto. A única comparação possível, no caso, é com *capaz*; como resultado, obtemos a forma *capac-*, variante.

4

Alomorfes e morfema zero

Já assinalamos que as técnicas da análise fonológica foram transpostas para a análise morfológica. Aqui, ressaltaremos alguns paralelismos resultantes dessa transposição.

Alofones e alomorfes

Alguns fonemas podem realizar-se através de variantes. Assim, o fonema /l/ (depreendido de um par como *lia / ria*) apresenta, em português, as realizações [l] (*l* alveolar)¹, quando antecede uma vogal: *lama*; e [w] (*u* semivocálico, como em *mau*), quando se pospõe a uma vogal: *alma* [awma], no português do Brasil. (Em Portugal, o *l* pós-vocálico realiza-se como um [ʎ] (*l* velar). Para a exposição que se segue, escolhemos a variante brasileira.)

Essas variantes recebem a designação de alofones e, com frequência, encontram-se em contextos exclusivos, como o ilustra o quadro seguinte:

¹ Representa-se entre colchetes a realização fonética, em oposição à representação fonológica (entre barras oblíquas).

/l/	pré-vocálico	pós-vocálico
[l]	+	-
[w]	-	+

Fazendo a leitura do quadro com base nas colunas verticais, temos que [l] só aparece em posição pré-vocálica, diferentemente de [w], que só ocorre em posição pós-vocálica; onde utilizamos uma variante, não podemos utilizar a outra. Neste caso, dizemos que as variantes são combinatórias e estão em distribuição complementar.

Existem alofones que não ocorrem em distribuição complementar. Por exemplo, o fonema /r/, em posição inicial, pode realizar-se, em nossa língua, como [r̄] (alveolar) ou como [ʁ] (velar), indiferentemente: *rua* [r̄ua / ʁua]. Aqui, dizemos que as variantes são livres.

O mesmo pode observar-se com relação aos morfemas, que nem sempre são caracterizados por uma única forma, como a maioria dos exemplos apresentados no capítulo anterior poderia levar a crer.

No adjetivo *infeliz*, a comparação com *feliz* permite-nos depreender o morfema *in-*. Esse mesmo morfema realiza-se como *i-* antes de radicais iniciados por *l-*, *m-* e *r-*: *ilegal*, *imoral*, *irreal*. Essas diferentes realizações são designadas como alomorfes, em paralelismo com alofones.

De modo geral, os alomorfes apresentam-se em distribuição complementar, a exemplo do que ocorre com os alofones. Em português, o pronome pessoal oblíquo *mim* realiza-se como /mim/ após qualquer preposição diferente de *com* (*de mim*, *em mim*, *sem mim*); seguindo-se à preposição *com*, temos a variante /migo/ (*comigo*), conforme o ilustra o quadro abaixo:

mim	após prep. ≠ com	após prep. com
/mim/	+	-
/migo/	-	+

As colunas verticais do quadro mostram que /mim/ só ocorre em seguida às preposições diferentes de *com*, ao passo que /migo/ só figura após a preposição *com*. Dizemos, aqui também, que os alomorfes estão em distribuição complementar, visto que ocorrem em contextos exclusivos².

É importante notar que nem sempre os alomorfes resultam de um contexto fonológico, como pode sugerir o exemplo do morfema *in-*, acima: a variante *i-* só é encontrada antes de determinadas consoantes.

Com relação ao segundo exemplo, poderíamos pensar que a variante /migo/ ocorre após nasal; as seqüências *em mim*, *sem mim*, em que as preposições também terminam por nasal, negam a validade dessa afirmação. O condicionamento, aqui, é, portanto, morfológico, e não fonológico.

Mesmo no exemplo anterior, o condicionamento fonológico não representa uma restrição absoluta na língua. Observemos que, se uma forma como *irreal* poderia induzir-nos a crer que a nasal não ocorre antes de /r̄/ (dada a inexistência de *inreal* na língua culta), o verbo *enrolar* mostra que, em português, o fonema /r̄/ pode figurar após *-n-*.

Embora mais raros, também se encontram em português exemplos de variantes alomórficas livres: ao lado de *ouço*, temos a variante *oiço*, e o falante é livre na escolha de uma ou de outra forma, diferentemente do que se observou com relação às variantes /mim/ e /migo/, dependentes do contexto.

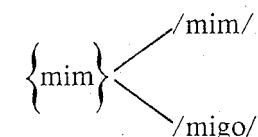
A forma básica

A existência de diferentes alomorfes para um mesmo morfema remete-nos ao problema da escolha de um deles

² Não devemos falar em variante nos casos de crase e elisão. Por exemplo, em *gostoso* houve crase de *-o* de *gosto* com *o-* de *-oso*, mas o morfema é, indiscutivelmente, *-oso* (cf., aqui, p. 15).

para representar o conjunto. O alomorfe selecionado recebe a designação de forma básica; nem sempre é fácil estabelecer essa forma, mas alguns critérios podem ser apontados.

O primeiro deles, o critério estatístico, é o que especifica que, dentre as variantes existentes, é escolhida como forma básica a mais freqüente. Com relação ao exemplo acima, *mim* / *migo*, vimos que *mim* figura após todas as preposições, com exceção da preposição *com*; por ser estatisticamente mais freqüente, é selecionada como a forma básica. Convencionou-se representar a forma básica entre chaves:



A indicação acima deve ser lida da seguinte forma: o morfema {mim} realiza-se fonologicamente como /mim/ e /migo/, em contextos a serem especificados.

Quando os alomorfes apresentam a mesma freqüência, escolhe-se a forma básica em função do critério da regularidade de formação.

Explicitemos, através de um exemplo, o que se deve entender pelo critério acima. O futuro do presente do indicativo, em português, é expresso pelos morfemas *-rá-* e *-re-*, que ocorrem três vezes cada um: *-rá-*, na segunda e terceira pessoas do singular e na terceira pessoa do plural (*amarás*, *amará*, *amarão*); *-re-*, na primeira pessoa do singular e na primeira e segunda pessoas do plural (*amarei*, *amaremos*, *amareis*). Considerando que os morfemas indicativos de tempo e modo, em nossa língua, apresentam todas formas básicas em *-a* e variantes em *-e* (de acordo com o critério estatístico), selecionamos, por paralelismo, *-rá-* como forma básica e *-re-* como variante (cf. quadro desses morfemas, às p. 32 e 33).

Nos casos em que uma das variantes ocorre isoladamente, enquanto a outra só aparece atrelada a um novo morfema, é a primeira que deve ser tomada como forma básica. Em português, o substantivo *chapéu* possui a variante *chapel-*, só utilizada quando seguida de um morfema iniciado por vogal: *chapelaria*, *chapeleiro*. Como só a forma *chapéu* pode ser empregada isoladamente (Vi um homem de *chapéu*), é ela a forma básica. Observemos, ainda, que é mais econômico partir de *chapéu* para prever *chapel-*: basta estabelecer a regra segundo a qual o *-u* passa a *-l* diante de morfema iniciado por vogal. Se partíssemos de *chapel-*, como forma básica, precisaríamos de duas regras para chegar à outra variante: o *-l* passa a *-u*: 1) diante de pausa; 2) antes de morfema iniciado por consoante (p.ex., *chapeuzinho*).

Para certos morfemas, é conveniente postular uma forma básica teórica, não-documentada em sincronia. Em português, para explicarmos o plural do substantivo *mar*, poderíamos partir de uma forma teórica **mare* (sincronicamente, inexistente); o *-e* é eliminado no singular e mantido no plural (*mares*). As vantagens dessa descrição são especificadas no capítulo 5 (cf. p. 31-2).

Alomorfe ou morfema

Nos exemplos acima apontados, encontramos alomorfes que se assemelham do ponto de vista fonológico: *in-* / *i-*, *chapéu* / *chapel-*.

Observemos, contudo, que esse traço não é condição para postularmos a existência de variantes. No adjetivo *amável*, depreendemos o morfema *-vel*, que se realiza como *-bil-* quando antecede morfemas iniciados por vogal: *amabil-idade*, *ama-bil-íssimo*. Os alomorfes *-vel* e *-bil-* estão fonologicamente muito mais distanciados do que as variantes dos outros exemplos apresentados.

Essas considerações remetem-nos a um novo problema: diante de formas semanticamente aparentadas, é preciso especificar os critérios que nos permitam estabelecer se se trata de morfemas diferentes ou de variantes de um mesmo morfema.

Para elucidar a questão, devemos basear-nos no aspecto semântico. Em *amável* / *amabilidade*, *-vel* e *-bil-* apresentam o mesmo sentido, o que nos leva a concluir que são alomorfes.

Comparando, agora, os membros do par: *altura* / *altitude*, depreendemos os segmentos *-ura* e *-itude*, ambos formadores de substantivos abstratos a partir de radicais adjetivos. Em *altitude*, há alusão à elevação acima do nível do mar, o que não se verifica em *altura*; acrescentemos, ainda, que só podemos falar na *altura* de um indivíduo, e não em sua *altitude*. Por conseguinte, *-ura* e *-itude* são morfemas distintos, e não alomorfes.

As observações aqui apresentadas confirmam um aspecto que ressaltamos no capítulo anterior: a depreensão dos morfemas não se reduz a um mero exercício formal; é fundamental que se leve em conta o elemento semântico.

Morfema zero (∅) e alomorfe zero (∅)

Ao tratarmos das técnicas de segmentação morfemática, utilizamos um par que retomaremos aqui:

falávamos
falava

Comparando as duas formas, destacamos o morfema *-mos*, indicativo de primeira pessoa do plural.

Relativamente a *falava*, sabemos que representa a primeira ou a terceira pessoa do singular; no entanto, não se destacou nenhum segmento que exprima essas noções. É a ausência de marca que, aqui, indica a pessoa e o número. Nesse caso, falamos em morfema zero (representado por ∅).

Só podemos postular um morfema \emptyset se três condições forem satisfeitas:

1) é preciso que o morfema \emptyset corresponda a um espaço vazio;

2) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos (no par utilizado, o \emptyset de *falava* contrapõe-se ao *-mos* de *falávamos*);

3) a noção expressa pelo morfema \emptyset deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado. Em nosso exemplo, as noções de número e pessoa existem obrigatoriamente em qualquer forma verbal portuguesa.

No par:

fiel
fielmente

que nos conduz à depreensão de *-mente*, não é possível postular um morfema \emptyset para *fiel*, porque, em português, morfemas como *-mente* (formador de advérbios de modo) não são extensivos a todos os adjetivos; não temos formas como *triangularmente*, *vermelhamente* etc. Assinalemos, também, que, mesmo em *fielmente*, o uso do segmento final não é obrigatório e automático para exprimir a idéia de modo; nada nos impediria de substituí-lo pela expressão *de modo fiel*.

Não é o que se observa no par:

casa
casas

em que destacamos *-s*, indicativo de número plural; o que nos permite afirmar que *casa* é singular é a ausência de segmento destacável. Temos, aqui, um exemplo de morfema \emptyset (de singular), porque a noção de número é inerente a qualquer substantivo de nossa língua.

Quando, numa série de alomorfes, houver a ausência de um traço formal significativo num determinado ponto

da série, podemos designar como alomorfe \emptyset essa ausência. É o que se pode verificar no substantivo *pires*, que apresenta a mesma forma para o singular e para o plural; é impossível depreender, neste caso, qualquer segmento indicativo dessas noções. A idéia de número aflora do contexto:

o pires novo (sing.)
os pires novos (pl.)³

Como, em português, os alomorfes de plural são *-s*, *-es*, *-is*, podemos dizer que *pires* é constituído do radical *pires* mais o alomorfe \emptyset de número (singular/plural).

Em resumo, o morfema \emptyset ocorre numa série de morfemas, ao passo que o alomorfe \emptyset ocorre numa série de alomorfes.

³ O que se dá, também, com os demais substantivos; comparem-se:

o livro novo (sing.)
os livros novos (pl.)

5

Classificação dos morfemas (1)

Apresentaremos, aqui, a classificação dos morfemas, de cuja depreensão já se tratou nos capítulos anteriores.

De acordo com a doutrina de L. Bloomfield, as formas são classificadas em livres (conforme possam funcionar como enunciações isoladas; p.ex.: *mar, sol*) e presas (quando só aparecem atreladas, como o *-s* do plural em *mesas*).

A fim de evitar a estreiteza de um critério meramente formal, levaremos também em conta a função dos elementos apresentados, isto é, o papel que representam dentro do vocábulo em que figuram.

Feitos esses esclarecimentos, arrolamos, abaixo, os diferentes tipos de morfemas do português, também comuns a outros idiomas.

Radical

O radical corresponde ao elemento irredutível e comum às palavras de uma mesma família. Considerando-se a série: *ferro / ferreiro / ferradura / ferramenta*, é o segmento *fer-*

que, por satisfazer às exigências especificadas, representa o radical.

Devemos evitar a designação de raiz, vinculada à perspectiva diacrônica. Como assinalamos no primeiro capítulo, nem sempre há coincidência entre os enfoques sincrônico e diacrônico: em *comer*, o radical é *com-* (cp. *comida, comilão*), ao passo que a raiz é *ed-*.

Afixos: prefixos e sufixos

Designam-se afixos os morfemas que se anexam ao radical para mudar-lhe o sentido (p.ex.: *fazer / des-fazer*) ou acrescentar-lhe uma idéia secundária (*livro / livr-eco*). Podem contribuir, ainda, para a mudança da classe do vocábulo: *leal*, adjetivo, com o acréscimo do afixo *-dade*, passa a substantivo: *lealdade*.

Os afixos antepostos ao radical denominam-se prefixos (*des-leal, in-feliz, re-por*); quando pospostos, recebem a designação de sufixos (*cruel-dade, firme-mente*).

Assinale-se, contudo, que a diferença entre prefixos e sufixos não é meramente distribucional. O acréscimo de um prefixo não contribui para a mudança de classe do radical a que se atrela, diferentemente do que ocorre com os sufixos, conforme se pode observar nos exemplos acima apontados¹.

Os prefixos agregam-se normalmente a verbos (*re-fazer*) e a adjetivos (*in-quieto*). Lembremos alguns traços de correspondência entre verbos e adjetivos: o particípio passado flexiona-se em gênero e número (*comprado(s), comprada(s)*), à semelhança dos adjetivos; certos verbos são substituíveis por expressões constituídas de verbo de ligação seguido de um adjetivo (*envelhecer / ficar velho; hesitar / estar hesitante*).

¹ O sufixo pode, também, não alterar a classe gramatical do radical a que se junta; observe-se o exemplo *ferreiro* (subst.), derivado de *ferro* (subst.).

São raros os exemplos de prefixo preso a substantivo; geralmente isso se verifica com deverbais (*des-respeito*, *re-torno*).

Acrescente-se, ainda, que os verbos formados por prefixação podem vir seguidos de complemento encabeçado por preposição correspondente ao prefixo: *concorrer com ...*, *depende de ...*, *embeber em ...*

Os sufixos, por sua vez, podem ser nominais, quando contribuem para a formação de nomes (substantivos e adjetivos), e verbais. Como exemplos dos primeiros, temos *-mento* e *-al* (*armamento* e *mortal*); em português, há um número considerável de sufixos verbais: *-ejar*, *-ear*, *-izar*, *-e(s)cer*, *-itar* (*purpurejar*, *galantear*, *civilizar*, *florescer*, *saltitar*). Temos um só sufixo adverbial — *-mente* —, que se prende à forma feminina do adjetivo: *lindamente*, *firmemente*.

Certas línguas apresentam, além dos prefixos e sufixos, os infixos, que se inserem no radical. Não existem infixos em nossa língua; o *-z-* de *cafezal*, classificado como infixo em gramáticas anteriores à NGB, é, na verdade, uma consoante de ligação: não está inserido no radical, nem imprime a este um sentido específico (a idéia de coletivo está em *-al*; cp. *laranja*). Dedicamos, adiante, um parágrafo ao estudo desses fonemas de ligação em português.

Desinências

São os morfemas terminais das palavras variáveis. Servem para indicar as flexões de gênero e número (desinências nominais), e de modo-tempo e número-pessoa (desinências verbais).

Embora se coloquem à direita do radical, como os sufixos, apresentam duas diferenças importantes com relação a estes. As desinências, através da concordância a elas associada, colocam a palavra na frase: em

Os alunos estudiosos progridem

os e *estudiosos*, como elementos subordinados a *alunos*, concordam com esse substantivo em gênero e número; o sujeito *alunos* e o verbo *progridem* concordam em número e pessoa. O sufixo, por sua vez, possibilita a criação de uma nova palavra, que se acrescenta ao léxico da língua: anexando ao substantivo *ferro* o sufixo *-eiro*, obtemos um novo substantivo, *ferreiro*.

Outra diferença importante a levar em conta é que as desinências são morfemas que não se podem dispensar; p.ex., toda forma verbal portuguesa está associada às noções de modo e tempo e de número e pessoa.

Essas considerações permitem-nos rever o problema do grau, interpretado em nossas gramáticas como flexão.

Observemos que a expressão do grau não implica concordância: *um carrinho novo*². Notemos, ainda, que, em vez de *carrinho*, poderíamos dizer *carro pequeno*, ou seja, *-inho* não é elemento de emprego obrigatório.

Não havendo concordância nem obrigatoriedade de uso desse elemento, o grau não constitui um caso de flexão; *-inho* é sufixo, e estamos diante de um exemplo de derivação sufixal.

O substantivo, em português, flexiona-se apenas em gênero e número, e é dos morfemas correspondentes a essas flexões que nos ocuparemos a seguir.

Desinências de gênero

O gênero, em português, pode exprimir-se através de flexão (p.ex.: *garoto* / *garota*), de derivação (quando uma das formas, masculina ou feminina, é formada pelo acréscimo de um sufixo ao radical: p.ex.: *conde* / *condessa*) ou

² Embora seja possível dizer *um carrinho novinho*, não se trata de uma construção obrigatória.

de heteronímia (caso de masculino e feminino representados por dois vocábulos completamente diferentes: p.ex.: *bode / cabra*).

Enfocaremos, aqui, apenas o primeiro recurso mencionado, ou seja, a flexão.

Ao contrário do que vinha afirmando a tradição gramatical portuguesa, segundo a qual a uma forma masculina em *-o* se opõe uma forma feminina em *-a*, Mattoso Câmara propõe uma descrição original, de masculino em \emptyset oposto a um feminino em *-a*.

O argumento do autor é que não podemos considerar *-o* como marca de masculino por opor-se a *-a* (como no par *garoto / garota*, acima), porque esse mesmo raciocínio nos obrigaria a considerar como masculino o *-e* de *mestre* (que também se opõe a *-a*; cf. *mestre / mestra*). Se é fácil associar *-o* a masculino, o mesmo não se dá com *-e*, que pode estar ligado a um ou outro gênero (comparem-se, p.ex., *ponte* (fem.) e *monte* (masc.)). No caso, a solução mais plausível é considerar o masculino como uma forma desprovida de flexão específica, em oposição ao feminino, caracterizado pela flexão em *-a*. A vogal final das formas masculinas seria, então, uma vogal temática (de que falaremos mais adiante).

Entretanto, a observação de alguns fatos leva-nos a rever essa posição. Note-se, p.ex., que, quando se acrescenta a uma palavra feminina uma terminação que contenha *-o*, essa palavra passa a masculina:

mulher (fem.) / *mulheraço* (masc.)
cabeça (fem.) / *cabeçalho* (masc.)

Lembremos, ainda, que o povo, em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas sempre em *-o*; p.ex., faz-se corresponder ao feminino *coisa* o masculino *coiso*, inexistente na língua culta. São também dignas de nota formas como *corujo*, *crianço*, *madrasto*.

Essas observações conduzem-nos à conclusão de que *-o* está intimamente associado à noção de masculino: a fle-

xão de gênero não se reduz a uma oposição \emptyset / *-a*, e, sim, a uma oposição *-o* / *-a*.

A desinência *-o* apresenta as variantes \emptyset (*peru / perua*, *autor / autora*) e *u* semivocálico (*européu / européia*; *mau / má*).

Desinências de número

Comparando os membros do par

mesa / mesas

verificamos que, enquanto o plural é caracterizado pelo *-s*, o singular não apresenta nenhuma desinência específica.

A ausência de desinência para o singular permite-nos afirmar que, no que se refere ao número, o singular é caracterizado pelo morfema \emptyset , ao passo que o plural é marcado pela desinência *-s*.

Com relação aos nomes paroxítonos terminados em *-s*, como *lápis*, *simples*, que permanecem invariáveis no singular e no plural, podemos considerar um alomorfe \emptyset . Nesses casos, a identificação do número dá-se através da concordância:

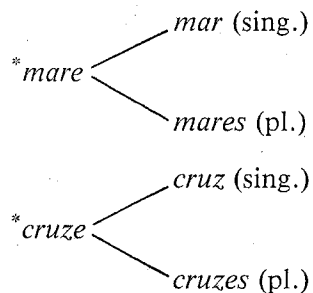
lápis preto / lápis pretos

Quanto aos nomes terminados em consoante, destacaremos, a título de ilustração, os que apresentam as terminações *-r* e *-z*. A formação do plural de nomes como *mar* e *cruz* pode ser explicada de duas maneiras.

Podemos considerar que, em *mares* e *cruzes*, foi acrescentado o alomorfe *-es* (da desinência *-s*) aos radicais *mar* e *cruz*: *mar-es*; *cruz-es*.

Outra possibilidade de explicação é partir das formas teóricas **mare* e **cruze*³. Poderíamos, então, afirmar que, no singular, o *-e* desaparece e se mantém apenas no plural:

³ A forma teórica (cf, aqui, p. 22) corresponde a uma realização que, embora não encontrável em sincronia, é postulada como ponto de partida para estabelecer relações entre formas aparentadas fonológica e morfológicamente. Convencionou-se indicá-la antecedida de um asterisco.



A primeira solução conduz-nos a uma descrição em que, ao lado da forma básica da desinência, devemos apresentar uma série de variantes, com a especificação dos respectivos contextos. Não é o que ocorre com a segunda solução, que nos possibilita a apresentação de um quadro mais econômico: a desinência do plural é sempre *-s*, sem que seja necessário falar em variantes; a vogal que, eventualmente, antecede o *-s* é incorporada à forma teórica.

Saliente-se, todavia, que a escolha de uma ou de outra possibilidade se pauta exclusivamente pela consideração do aspecto econômico; não se trata de contrapor uma descrição correta a outra, incorreta.

Desinências verbais

Há dois tipos de desinências verbais: as que exprimem modo e tempo (modo-temporais) e as que indicam número e pessoa (número-pessoais). Nas formas verbais portuguesas, à semelhança do que ocorre com outros idiomas, as desinências modo-temporais precedem as número-pessoais.

Apresentamos, abaixo, o quadro dessas desinências, acompanhadas das respectivas variantes.

Desinências modo-temporais

	Indicativo
presente:	∅

pret. imperf.:	-va- (1 ^a conj.)	(var.: -ve-)
	-ia- (2 ^a e 3 ^a conj.)	(var.: -ie-)
pret. perf.:	∅ (para as cinco primeiras pessoas)	
	-rã- (para a 3 ^a pess. do pl.)	
pret. mais-que-perf.:	-ra- (áttono)	(var.: -re-)
fut. do pres.:	-rá- (tônico)	(var.: -re-, tônico)
fut. do pret.:	-ria-	(var.: -rie-)

Subjuntivo

pres.:	-e- (1 ^a conj.)	
	-a- (2 ^a e 3 ^a conj.)	
imperf.:	-sse-	
fut.:	-r-	(var.: -re-)

Formas verbo-nominais

inf.:	-r-	(var.: -re-)
ger.:	-ndo-	
part. pass.:	-do	

Desinências número-pessoais

Singular

1 ^a pess.:	∅	(var.: -o (pres. indic.) -i ⁴ (pret. perf. e fut. do pres.))
2 ^a pess.:	-s	(var.: -ste (pret. perf.))
3 ^a pess.:	∅	(var.: -u ⁴ (pret. perf.))

Plural

1 ^a pess.:	-mos	
2 ^a pess.:	-is ⁴	(var.: -stes (pret. perf.) -des (fut. do subj. e inf. flexionado))
3 ^a pess.:	-m	

⁴ O sinal sob o *i* e o *u* indica que se trata do *i* e do *u* semivocálicos (p. ex., em *amei* e *amou*).

Os quadros acima correspondem ao levantamento das desinências verbais, segundo M. Câmara (cf. bibliografia) e merecem alguns comentários.

Observemos, inicialmente, que é o critério estatístico que nos permite distinguir as formas básicas dos alomorfes: p.ex., no pretérito imperfeito do indicativo (primeira conjugação), a desinência é *-va-* (que ocorre na primeira, segunda e terceira pessoas do singular, bem como primeira e terceira pessoas do plural); *-ve-*, por figurar apenas na segunda pessoa do plural (*amáveis*), é o alomorfe.

As desinências acima ilustram, também, o fenômeno da cumulação: exprimem tempo e modo, simultaneamente, bem como número e pessoa. Algumas acumulam outros valores gramaticais: é o caso da desinência número-pessoal *-o*, que, por figurar apenas no presente do indicativo, passa também a ser marca desse tempo e modo.

Vogais temáticas

As vogais temáticas acrescentam-se, normalmente, ao radical para constituir uma base, à qual são anexadas as desinências. Sua posição é, pois, entre o radical e a desinência.

Têm por função marcar classes de nomes e verbos. Distinguiremos vogais temáticas nominais e verbais, a exemplo do que vimos com as desinências.

Vogais temáticas nominais

As vogais temáticas nominais, em português, são *-a*, *-e* e *-o*, respectivamente.

Considerando-se que *-a* e *-o* também podem ser desinências de gênero, como vimos acima, surge a necessidade de explicitar o critério que nos permite classificar essas terminações como vogais temáticas.

Enquanto *-o* e *-a* desinenciais comutam com *-a* e *-o*, respectivamente, para exprimir mudança de gênero — comparem-se:

menin		o	garot		a
menin		a	garot		o

—, o mesmo não ocorre com as vogais temáticas: não existe uma forma *livra* feminino de *livro*, como não há uma forma *carto* como masculino de *carta*. Acrescente-se, ainda, que *-o* e *-a* temáticos não se associam necessariamente às noções de masculino e feminino, como os exemplos *livro* e *carta* poderiam levar-nos a crer; lembrem-se os vocábulos *libido* (fem.) e *mapa* (masc.).

A vogal temática *-o* apresenta, em alguns vocábulos, a variante *-u*; p.ex., no adjetivo *lutuoso*, o *-u-* está no lugar do *-o* temático (cf. *luto*). Isso ocorre com relativa frequência, quando ao *-o* temático se anexa uma desinência ou um sufixo iniciado por vogal (comparem-se: *conceito* / *conceitual* / *conceituar* / *conceituoso*. Observe-se, contudo, que a passagem de *-o* a *-u-* não é automática, no contexto especificado. Se a *conceito* correspondem *conceituar* / *conceituoso*, a *respeito* correspondem *respeitar* / *respeitoso* (com elisão e crase, respectivamente, do *-o*)).

Existem, também, nomes atemáticos, desprovidos da referida vogal. É o caso dos substantivos terminados em vogal tônica: *cipó*, *café*. O acréscimo de sufixo a esses vocábulos não implica a queda da vogal tônica final — *ciposal*, *cafezinho* —, o que mostra que essa vogal não é destacável e faz parte integrante do radical.

Com relação aos substantivos terminados em consoante, podemos considerá-los como atemáticos ou não. Num quadro descritivo em que *mar* é apresentado como um substantivo cujo plural se obtém através do alomorfe *-es* — *mar-es* —, podemos afirmar que os nomes terminados em consoante são atemáticos; se, para explicar o plural do substantivo em questão, postularmos a forma teórica **mare*, somos obri-

gados a reconhecer no *-e* a vogal temática. Em resumo, para os nomes terminados em consoante, a vogal temática será ou não postulada, conforme o quadro descritivo escolhido.

Vogais temáticas verbais

Em nossa língua, são três as vogais temáticas verbais: *-a-* (primeira conj.), *-e-* (segunda conj.) e *-i-* (terceira conj.). É praxe identificá-las pelo infinitivo; são as vogais que antecedem o *-r* desinencial: *am-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*.

Das três vogais temáticas verbais, a mais produtiva é a que caracteriza a primeira conjugação, visto que todos os verbos novos são a ela incorporados: *discar*, *tricotar*.

A vogal temática da primeira conjugação apresenta as variantes *-e-* e *-o-*, respectivamente (na primeira e na terceira pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo: *amei*, *amou*); a única variante da vogal temática da segunda conjugação é *-i-*, que ocorre no pretérito imperfeito do indicativo, na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e no particípio passado (*vendia*, *vendi*, *vendido*).

É falso interpretar a ausência de vogal temática numa forma verbal como um caso de alomorfe \emptyset . Em formas como *amo* e *ame*, p.ex., não figura a vogal temática em virtude da regra fonológica da elisão: é uma vogal átona que cai em contato com a vogal da desinência:

ama + o = amo; ama + e = ame

No caso de *vendia*, deu-se a crase do alomorfe *-i-* (da vogal temática) com a vogal inicial da desinência *-ia*:

vend + i + ia = vendia

Como é possível recuperar a vogal temática, devemos sempre postulá-la; sua ausência fica facilmente explicada pela aplicação de regras fonológicas gerais em português.

Lembremos, ainda, que o morfema (e o alomorfe) \emptyset não pode(m) ser recuperado(s): quando afirmamos que a

desinência do singular é \emptyset , em oposição ao *-s* do plural, não há nenhum elemento que possamos pôr no lugar de \emptyset .

A vogal temática verbal aparece, também, em adjetivos formados a partir de um tema verbal: *am-Á-vel*. Esse fato reforça a afirmação que fizemos acima (no parágrafo relativo aos afixos), com relação ao parentesco entre verbos e adjetivos.

Em alguns substantivos deverbais, é freqüente a ocorrência de duas vogais temáticas, uma verbal e outra nominal, como se pode observar em um exemplo como *armamento*, em que o segundo *-a-* é a vogal temática da primeira conjugação, e o *-o* é vogal temática nominal.

Vogais e consoantes de ligação

Já fizemos referência aos fonemas de ligação em português quando tratamos dos afixos. Vamos enfocá-los, agora, mais detidamente.

Os fonemas de ligação são os que ocorrem no interior do vocábulo, normalmente entre o radical e o sufixo (ou entre dois radicais, no caso de alguns compostos). Sua utilização está, geralmente, ligada à eufonia, o que não impede que possam surgir por razões analógicas, como veremos mais adiante.

Quanto às vogais de ligação, em português, a rigor existem apenas duas: */i/* e */o/*. A vogal */i/* figura na composição de elementos latinos; */o/*, na composição de elementos gregos.

O */i/* de ligação ocorre em vários contextos, mas vamos fixar-nos nos exemplos em que essa vogal antecede o sufixo *-dade*: *dignidade*, *facilidade*.

A existência do adjetivo *digno* e do sufixo *-dade* não antecedido de */i/* (como em *lealdade*, *ruindade*) mostra-nos que esse */i/* deve ser interpretado como uma vogal de ligação. Poderíamos, também, imaginar que se trata de uma variante da desinência *-o* do adjetivo *digno*, em contato

com o sufixo; todavia, essa interpretação é inaceitável, se levarmos em conta o outro exemplo proposto — *facilidade* —, para o qual o /i/ não pode ser analisado como variante de desinência.

Com relação aos pares

sério / seriedade
[sóbrio / sobriedade]
[próprio / propriedade]

observamos que, com os adjetivos terminados em *-io*, o *-o* passa a *-e-* quando se lhe anexa o sufixo. Nesses casos, podemos afirmar que o /e/ é uma variante (fonologicamente condicionada) da vogal /i/.

Quanto à vogal /o/, só é conveniente considerá-la vogal de ligação em vocábulos em que ela também pode ser isolada, numa perspectiva sincrônica. É o caso de *gasômetro*: a ocorrência de *gás* e *metro*, independentemente, mostra que o /o/ é um elemento de ligação, à semelhança do que observamos relativamente ao /i/.

Em palavras como *geografia* e *bibliófilo*, não é boa técnica descritiva analisar o *-o-* como vogal de ligação. A existência dos vocábulos *geologia* e *caligrafia*, p.ex., levamos a ver, em *geografia*, um composto de radicais gregos (bastante produtivos na linguagem técnico-científica): *geo* + *grafia*.

As consoantes de ligação mais produtivas, em português, são /z/ e /l/, conforme se pode observar nos exemplos: *cafezal*, *capinzal*; *paulada*, *chaleira*.

São raras as ocorrências de outras consoantes, como /t/, em *cafeteira* (vocábulo criado provavelmente por analogia com *leiteira*).

Nota-se a tendência a economizar os fonemas de ligação na análise morfológica, pela integração desses elementos aos sufixos, que passam, assim, a apresentar variantes. Um dos exemplos acima apresentados — *cafezal* — pode ser segmentado de duas maneiras:

café + /z/ + al
 café + zal (var. de *-al*)

A integração da consoante ao sufixo, e não ao radical, resulta da observação de certos paralelismos: *-zinho* (var. de *-inho*) (cf. *cafezinho*, *menininho*); por conseguinte, *-zal* (var. de *-al*), já que se trata da mesma consoante de ligação.

A segunda segmentação parece mais econômica e coerente: divide o vocábulo em apenas dois elementos e elimina o fonema de ligação, que não tem caráter morfológico.

Ressaltemos, entretanto, que a escolha da solução mais simples é ditada exclusivamente pela preocupação com a economia descritiva. Se reconhecermos a produtividade dos fonemas de ligação em português, nada nos impede de dar a eles o devido destaque.

6

Classificação dos morfemas (2)

Apresentamos, no capítulo precedente, uma classificação dos morfemas do ponto de vista funcional.

Levando em conta a face significante (o material fônico) desses segmentos, podemos propor outro tipo de classificação, que privilegie o aspecto formal. Esse enfoque não se contrapõe ao que já apresentamos; pelo contrário, permite destacar novos aspectos dos morfemas examinados.

Basear-nos-emos no que diz J. Mattoso Câmara Jr., em seu *Dicionário de lingüística e gramática* (verbe *morfema*). Segundo o autor, os morfemas, do ponto de vista do significante, podem ser: aditivos, subtrativos, alternativos, reduplicativos, de posição e zero.

Passamos a especificar, abaixo, os traços característicos de cada um desses diferentes tipos.

Morfemas aditivos

Como o nome o indica, os morfemas aditivos são segmentos que se anexam a um núcleo (geralmente, o radical). Apontamos como exemplos os afixos (prefixos e sufixos),

as vogais temáticas (nominais e verbais) e as desinências (nominais e verbais). São os que predominam em português, bem como em outros idiomas.

Quando dois ou mais morfemas se agregam a um núcleo, sua combinatória é rígida e a ordem dos segmentos é determinada de forma bem específica. A título de ilustração, examinemos a seqüência dos elementos constitutivos da forma verbal portuguesa; em *marchávamos*, após as comutações necessárias, destacamos os morfemas

march- (Rd) + *-á-* (VT) + *-va-* (DMT) + *-mos* (DNP)

(em que Rd = radical; VT = vogal temática; DMT = desinência modo-temporal; DNP = desinência número-pessoal).

Como o radical e a vogal temática constituem uma base — o tema —, e os elementos seguintes são desinenciais, podemos dividir a forma apresentada em dois blocos:

T (Rd + VT) + D (DMT + DNP)

(em que T = tema), salientando, contudo, que essa ordem não pode ser alterada.

Em vocábulos em que figuram mais de um prefixo ou sufixo, a seqüência também é rígida: *recompôr* (**conrepor*), *amavelmente*. Com relação a *recompôr*, o prefixo *re-*, que exprime repetição, está semanticamente menos integrado a *pôr* do que o prefixo *com-*; daí, a sua posição mais periférica. O mesmo pode notar-se nas construções sintáticas: quando dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo semanticamente menos coeso é o que mais se distancia com relação ao núcleo substantival: *céu azul maravilhoso*¹.

A seqüência exemplificada em *amavelmente* é explicada por fatores de ordem estrutural: o sufixo *-vel* é forma-

¹ Note-se, também, que é o único que pode permutar com relação ao substantivo:

maravilhoso céu azul
**azul céu maravilhoso*

dor de adjetivos, e *-mente* forma advérbios de modo, atrelando-se à direita da forma feminina do adjetivo. Portanto, é preciso que, inicialmente, se agregue *-vel* para obter o adjetivo; em seguida, anexa-se o sufixo adverbial.

Essas considerações mostram que os morfemas apresentam diferentes graus de coesão relativamente ao núcleo, o que explica a existência de determinadas combinatórias.

Observemos, ainda, que determinados morfemas aditivos são bloqueadores, isto é, uma vez acrescentados ao núcleo, impedem a anexação de qualquer outro morfema: é o caso do *-s* de número plural. Em um vocábulo como *armamento*, não podemos afirmar que o sufixo é bloqueador, porque podemos ainda acrescentar-lhe outro sufixo, *-ista*: *armamentista*; contudo, o acréscimo de *-s* bloqueia a forma: *armamentos*, em que não é possível anexar nenhum outro elemento. Diferentemente do *-s* do plural, as vogais temáticas e os sufixos não são morfemas bloqueadores (comparem-se: *amA* / *amArá*, *amÁssemos*; *respeitOSa* / *respeitOSamente*).

Morfemas subtrativos

Quando se dá a supressão de um fonema do radical para exprimir alguma diferença de sentido, tem-se o morfema subtrativo. Embora bem mais raro que os morfemas aditivos, há um exemplo interessante em português.

Examinando os pares

anão / *anã*
irmão / *irmã*
órfão / *órfã*

podemos afirmar que o feminino é obtido através da eliminação do *-o* do masculino. Na descrição da flexão desses pares, é mais econômico partir da coluna correspondente ao feminino, o que nos permite formular a regra segundo a qual o masculino é formado pelo acréscimo de *-o* à forma do feminino. Se partíssemos dos masculinos, não poderia-

mos afirmar que o feminino resulta da queda do *-o*, porque os substantivos em *-ão* apresentam vários tipos de femininos: *anão* / *anã* ; *leão* / *leoa* ; *sultão* / *sultana*. Em outras palavras, quando o feminino é em *-ã*, o masculino é automaticamente em *-ão*; se o masculino termina em *-ão*, há possibilidades variadas de feminino, o que nos obrigaria a estabelecer listagens.

Não cabe, aqui, a interpretação das formas femininas *anã*, *irmã* e *órfã* como casos de morfema \emptyset . Já vimos que a desinência de gênero feminino em português é *-a*; a vogal *-ã* do radical funde-se com o *-a* desinencial, segundo a regra fonológica da crase. Assim, temos: *irmãa* → *irmã*.

Como é possível recuperar a desinência, não podemos postular um morfema \emptyset , de acordo com o que observamos às páginas 36 e 37.

Morfemas alternativos

Consistem na substituição de fonemas do radical, que passa a apresentar duas ou mais formas alternantes; dessa alternância resulta o morfema.

Examinaremos, aqui, os casos de alternância vocálica, muito freqüentes em português. Podemos distinguir três tipos de alternância de timbre da vogal tônica:

1) /ê/-/é/ ; /ô/-/ó/

Essas alternâncias aparecem em alguns nomes e pronomes, na oposição entre singular e plural, ou entre masculino e feminino: *olho* / *olhos*; *esse* / *essa*.

Também ocorrem em alguns verbos da segunda conjugação, opondo, no presente do indicativo, a primeira pessoa do singular às demais pessoas que apresentam acento tônico no radical: *bebo* / *bebes* ; *corro* / *corres*.

2) /ê/-/i/ ; /ô/-/u/

Estabelecem distinção, nos pronomes, entre o animado e o neutro: *aquele* / *aquilo* ; *todo* / *tudo*.

Designamos como verbos fortes um pequeno grupo de verbos irregulares em que a primeira e a terceira pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo têm acento tônico no radical, sem desinência específica. Alguns deles apresentam a alternância especificada neste item: *fez / fiz* ; *pôs / pus*.

3) /i/-/é/ ; /u/-/ó/

Ocorre em alguns verbos da terceira conjugação, onde diferencia, no presente do indicativo, a primeira pessoa das demais, que também apresentam acento tônico no radical: *firo / feres* ; *acudo / acodes*.

Os três tipos acima propostos exigem alguns comentários. Notemos, inicialmente, que são extensivos às flexões nominal e verbal, com exceção do terceiro, que é característico apenas dos verbos. Percebemos, assim, um paralelismo entre nomes e verbos no que se refere a alguns traços de flexão, o que simplifica e facilita o estudo desse aspecto.

Observemos, ainda, que a alternância vocálica se constitui num traço redundante. Nos exemplos apresentados, as flexões de gênero, número e pessoa são expressas por desinências, ou seja, por morfemas aditivos. É excepcional, em nossa língua, que a simples alternância sirva para distinguir formas: nos nomes, só há um exemplo de oposição masculino/feminino baseada exclusivamente na alternância: *avô/avó*.

Também nos verbos fortes, acima mencionados, a alternância é basicamente distintiva. Afora esses casos, é sempre um traço paralelo às desinências flexionais, e, portanto, redundante.

Salientamos, ao tratar dos morfemas subtrativos, que era mais econômico descrever os pares apresentados partindo das formas femininas. Com relação às formas que apresentam alternância vocálica, é conveniente, por razões de economia descritiva, estabelecer como formas básicas as de vogal mais aberta. Utilizaremos, a título de exemplificação, apenas dois exemplos extraídos do primeiro tipo.

No caso do plural dos nomes, basta formular uma regra segundo a qual a vogal tônica se fecha no singular: *olhos* → *olho*. O fechamento da vogal no singular é automático. Se partíssemos do singular para explicar o plural, teríamos que proceder à listagem de exceções, pois há exemplos de pares em que a vogal tônica é igualmente fechada no singular e no plural: *bolso / bolsos*.

Com os verbos da segunda conjugação, a forma básica é a segunda pessoa do singular, cuja vogal tônica se fecha automaticamente na primeira pessoa: *bebes* → *bebo*. Nem sempre a vogal tônica da primeira pessoa se abre nas demais: comparem-se *temo / temes*, o que, mais uma vez, nos obrigaria a elaborar listas.

Apontemos, finalmente, o caso da alternância prosódica, que corresponde às diferenças de posição do acento para marcar o contraste entre nomes e verbos:

dúvida / duvida
fábrica / fabrica

Nesses pares, os proparoxítonos são substantivos, ao passo que os paroxítonos são verbos.

Morfemas reduplicativos

Em alguns idiomas, a repetição da parte inicial do radical (especificamente, a primeira consoante seguida da primeira vogal que, em alguns casos, toma o timbre *e*) tem valor morfológico. É o que se verifica em latim, em que certos verbos apresentam, no pretérito perfeito do indicativo, uma forma caracterizada pela reduplicação ou redobro: *cano*, “canto” / *cecĭni* ; *do*, “dou” / *dedi*.

Ao lado desse tipo de reduplicação, havia, também, em latim, o chamado redobro expressivo ou intensivo, com repetição da consoante inicial do radical acompanhada de uma vogal acrescida da vibrante /r/: *murmur*, “murmúrio” ; *turtur*, “rola (ave)”. Diferentemente da reduplicação anterior,

o redobro expressivo tinha por função dar mais realce ao vocábulo; seu emprego, portanto, era mais estilístico. Observe-se o caráter onomatopéico dos exemplos apresentados.

Esses morfemas também são, de certa forma, aditivos; diferenciam-se, contudo, destes últimos pelo fato de que não é o elemento acrescido que tem valor morfológico, e sim sua repetição.

A língua portuguesa não apresenta morfemas reduplicativos. Em nossa língua, o fenômeno da reduplicação é comum na linguagem infantil e nos hipocorísticos: *papai, mamãe, vovô, Zezé, Fifi*; ocorre, também, em alguns compostos: *pingue-pongue, reco-reco, tique-taque*. Saliente-se, porém, que esses exemplos não se revestem de valor morfológico: ilustram, na verdade, o chamado redobro expressivo, de que falamos acima.

Morfema de posição

A disposição dos morfemas na frase pode ter valor gramatical. Comparem-se: *João vê José* (*João*: sujeito; *José*: objeto) e *José vê João* (*José*: sujeito; *João*: objeto).

O morfema de posição distingue-se dos outros tipos aqui apresentados por não se constituir nem em acréscimo, nem em subtração de segmentos.

Convém ressaltar que, ao lado das combinações que implicam mudança de função, como ilustrou o exemplo acima, temos seqüências de ordem livre, como, p.ex., em: *Hoje, vou sair / Vou, hoje, sair / Vou sair, hoje*, em que a posição variável do advérbio não lhe altera a função. Acrescente-se, ainda, que há combinatórias que não podem ocorrer: **homem o* (diferentemente do que se passa em romeno, em que o artigo é posposto: *omul*).

Como, para os lingüistas de orientação distribucionista, as combinações de segmentos internos ao vocábulo são estudadas na morfologia, cabendo à sintaxe o estudo

das combinações ao nível da frase, o morfema de posição ocuparia, a rigor, um capítulo importante da sintaxe.

No entanto, a impossibilidade de formar seqüências como **homem o não é*, fundamentalmente, diferente da impossibilidade de formar **falámosva* (por *falávamos*). Isso nos leva a ver, no morfema de posição, um tipo limítrofe entre a morfologia e a sintaxe, o que dificulta o estabelecimento de uma rígida linha divisória entre os dois campos.

Morfema zero (∅)

Já fizemos, ao longo deste livro, algumas referências ao morfema e ao alomorfe ∅.

São comuns, em português, os exemplos de morfema ∅ na flexão verbal: com freqüência, as desinências modo-temporais e número-pessoais são representadas por esse tipo de morfema. Lembremos, contudo, que não se deve postular um morfema ∅ quando estamos diante de um elemento recuperável: em *ame*, não se deve falar em vogal temática ∅, visto que, no tema *amA-*, a vogal temática se elide antes da desinência modo-temporal *-e*: *am(a)e*.

Essa observação deve, portanto, prevenir-nos contra um uso indiscriminado do morfema ∅, que só deve ser postulado em casos de real necessidade.

Os diferentes tipos de morfema apresentados neste capítulo agrupam-se em três blocos, caracterizados, respectivamente, pelo acréscimo, pela subtração e pela alternância de segmentos.

Em português, predominam, como já se observou, os morfemas aditivos; são freqüentes, também, os alternativos (normalmente, redundantes com relação aos morfemas segmentais), no terreno das flexões nominal e verbal. Raros são os casos de morfemas subtrativos em nossa língua.

7

Conclusão

O exame da complexidade do vocábulo conduziu-nos à análise de seus elementos constitutivos. Partindo de pares mínimos, cujos membros devem apresentar uma relação de semelhança e uma relação de diferença, depreendemos, através das técnicas explicitadas, os morfemas, unidades mínimas portadoras de sentido.

O interesse da depreensão dos morfemas resulta de seu caráter produtivo: são elementos recorrentes, reutilizados em centenas de vocábulos, e, portanto, vivos na língua. Eis por que as técnicas propostas adquirem particular importância.

Por razões metodológicas, privilegiamos o ponto de vista sincrônico, o que não significa que subestimemos o enfoque diacrônico. O prévio conhecimento sincrônico ajuda a entender determinados fatos de evolução: a maior resistência de morfemas mais produtivos e mais freqüentes; relativamente aos morfemas semanticamente aparentados, a tendência ao maior emprego de um deles em detrimento do(s) outro(s) ou o desenvolvimento de uma nova diferença entre eles. Em português, com relação aos sufixos verbais *-ejar* e *-ear*, de valor freqüentativo, nota-se a tendência ao uso

mais constante da primeira forma; observem-se os verbos: *branquejar* (ao lado de *branquear*), *purpurejar* (ao lado de *purpurear*). Os sufixos formadores de substantivos deverbais, *-mento* e *-ção*, quando se anexam ao mesmo tema, formam um par cujos membros se diferenciam semanticamente: *armamento* / *armação*; *coroamento* / *coroação*.

Devem ser ressaltados, também, certos paralelismos que caracterizam a morfologia portuguesa. No parágrafo relativo aos morfemas alternativos, mostramos como os mesmos tipos de alternância ocorrem nas flexões nominal e verbal.

Outro fato importante a destacar é a integração que se estabelece entre algumas noções: mostramos, no capítulo 5, que os nomes terminados em consoante são temáticos ou não, em função do quadro descritivo escolhido para explicar o plural. Se optarmos por uma descrição que privilegie as variantes, diremos que o plural de *mar* (*mares*) é formado pelo acréscimo do alomorfe *-es* ao radical; se preferirmos economizar as variantes, partiremos da forma teórica **mare*, cuja vogal temática desaparece no singular e se mantém no plural. Vemos, assim, que a flexão de número e as vogais temáticas nominais são tópicos que não se dissociam. Também estão associadas às vogais temáticas e às desinências de gênero as vogais de ligação: num primeiro momento, é preciso esclarecer que, em *dignidade*, o *-i-* destacado não é variante da desinência de gênero masculino *-o*, levando-se em conta uma forma como *facilidade*, para a qual não seria cabível essa interpretação.

Convém, ainda, salientar que o estudo dos processos de formação de palavras pressupõe o conhecimento das técnicas de segmentação morfemática e da classificação dos morfemas (tanto do ponto de vista funcional, quanto do ponto de vista significante). O próprio conceito de derivação vocabular — o acréscimo de afixos a um radical — implica o conhecimento dos elementos mencionados.

Os estudos de J. Mattoso Câmara Jr., relativos às flexões nominal (de gênero e número) e verbal, representam

um avanço com relação às descrições propostas em nossas gramáticas tradicionais e também pressupõem o conhecimento de algumas informações teóricas e o domínio de técnicas implícitas na obra do autor, mas cuja explicitação detalhada se faz necessária para muitos leitores que terão um primeiro contato com os textos mattosianos. Esperamos que as técnicas de segmentação e a classificação dos morfemas depreendidos, que desenvolvemos ao longo deste livro, possam contribuir para o preenchimento dessas lacunas.

8

Exercícios de aplicação

Levando em conta as dificuldades de segmentação morfemática de certos vocábulos mais complexos, apresentamos, neste capítulo, alguns exercícios comentados. Propomos, também, algumas questões, para cuja solução o estudante pode basear-se no(s) exercício(s)-modelo.

Embora fosse mais interessante utilizar a transcrição fonológica, preferimos, a título de simplificação, exemplificar com a forma escrita dos vocábulos.

O objetivo desses exercícios é, também, acrescentar algumas observações relativas aos morfemas do português.

- 1) Depreender, pela técnica da comutação, os morfemas constitutivos do vocábulo *deslealdade*.

Como observamos no capítulo 3, levaremos em conta que o vocábulo proposto se relaciona com outros, com os quais apresenta relações de semelhança e de diferença. Esse traço permite-nos estabelecer pares, que podem ser comparados.

Inicialmente, comparemos *deslealdade* com *desleal*:

deslealdade
desleal

o que nos leva a depreender *-dade*, sufixo.

Prosseguindo, cotejemos *desleal* com *leal*. É praxe (embora não seja obrigatório) estabelecer o novo par a partir do segundo elemento do par inicialmente apresentado

desleal
leal

o que nos conduz à depreensão de *des-*, prefixo.

O adjetivo *leal* é indecomponível e representa o radical do vocábulo em questão.

O vocábulo proposto apresenta, portanto, os seguintes morfemas:

des- : prefixo
leal : radical
-dade : sufixo

2) Destacar os morfemas constitutivos do vocábulo *desrespeitosamente*.

Estabeleçamos, inicialmente, o par

desrespeitosamente
desrespeitosa

que nos permite destacar *-mente*, sufixo.

Considerando o novo par,

desrespeitosa
respeitosa

depreendemos *des-*, prefixo.

Prosseguindo, temos

respeitosa
respeito

o que nos leva à depreensão de *-sa*. Aqui, o verdadeiro segmento a ser destacado só pode ser corretamente estabelecido se levarmos em conta outros pares, frequentes na língua portuguesa:

creme / cremosa
fervor / fervorosa
etc.

que nos mostram que o morfema destacável é *-osa*, sufixo.

Como o substantivo *respeito* termina em *-o* e o sufixo *-osa* inicia-se pela mesma vogal, deu-se o fenômeno da crase (cf., acima, p. 15):

respeito + osa = respeitosa

Encontramos aqui a interferência de uma regra fonológica, diferentemente do exercício anterior, que nos conduziu ao destaque de morfemas nitidamente diferenciados no corpo do próprio vocábulo.

Comparando *respeitosa* com *respeitoso*

respeitosa
respeitoso

depreendemos *-a* (e *-o*). Como o vocábulo proposto é *desrespeitosamente*, é o *-a*, desinência de gênero feminino, que deve reter nossa atenção. Por outro lado, vemos que *-osa* é, na verdade, constituído de dois elementos: *-os-*, o sufixo propriamente dito, e *-a*, desinência.

Sincronicamente, não é possível decompor *respeit-*, radical.

Em resumo, os morfemas destacados são:

des- : prefixo
respeit- : radical
-os- : sufixo
-a- : desinência de gênero feminino
-mente : sufixo

3) Segmentar os morfemas constitutivos do vocábulo *insensatez*.

Comparando as formas

insensatez
insensato

destacamos *-ez*, sufixo. O *-o* de *insensato*, em contato com a vogal inicial do sufixo *-ez*, sofre elisão (cf., acima, p.15):

insensat(o) + ez = insensatez

A partir de *insensato*, estabelecemos um novo par,

insensato
sensato

que nos permite depreender *in-*, prefixo.

O cotejo de *sensato* com *senso*

sensato
senso

possibilita-nos o destaque de *-ato*, sufixo (cf. *cordato*).

Os morfemas depreendidos são:

in- : prefixo
sens- : radical
-at(o) : sufixo
-ez : sufixo

4) Depreender os morfemas constitutivos do vocábulo *confiabilidade*.

A segmentação deste vocábulo apresenta problemas específicos, que discutiremos a seguir.

Relativamente ao par inicial

confiabilidade
confiável

é preciso, previamente, levar em conta os grupos

aceitável / aceitabilidade
amável / amabilidade
durável / durabilidade
etc.

Nesses pares, observamos que os elementos da segunda coluna são os substantivos abstratos correspondentes aos adjetivos da primeira coluna. Assinale-se, também, que a terminação *-vel* dos adjetivos passa regularmente a *-bil-* nos substantivos derivados da segunda coluna. Essas observações permitem-nos concluir que *-bil-* é uma forma variante de *-vel*, o que nos possibilita voltar ao par

confiabilidade
confiável

considerando, agora, que *confiável* e *confiabil-* são formas correspondentes¹. Sendo assim, o segmento diferencial, destacável, é *-idade*, sufixo. A ocorrência de *-dade* (sem *-i-*), em vocábulos como *bondade*, *lealdade*, *ruindade*, leva-nos a interpretar o *-i-* como vogal de ligação; se optarmos por uma análise mais econômica, podemos considerar *-idade* como alomorfe de *-dade*. Qualquer uma das duas soluções é igualmente aceitável.

Procedendo à comparação de

confiável
fiável

depreendemos *con-*, prefixo.

Prosseguindo, estabeleçamos um novo par,

fiável
fia

que nos leva a destacar *-vel*, sufixo. (Esse sufixo apresenta-se, em *confiabilidade*, sob a forma do alomorfe *-bil-*.)

Comparando, agora, *fia* com outra forma,

fia
fio

segmentamos *-a* (e, também, *-o*, que não nos interessa no caso). O par *fia* / *fio* leva-nos a interpretar *-a* como índice de terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Contudo, podemos corrigir essa classificação, levantando formas como

fiava / fiáramos / fiassem

em que a ocorrência de *-a-* é constante, independentemente de modo/tempo e número/pessoa; trata-se, na verdade, da vogal temática da primeira conjugação.

Retomando os morfemas destacados, temos:

con- : prefixo
fi- : radical

¹ A variante *-bil-* ocorre também no superlativo: *aceitabilíssimo*, *amabilíssimo*, *confiabilíssimo*, *durabilíssimo*.

- a- : vogal temática (1ª conjug.)
- bil- : alomorfe do sufixo *-vel*
- idade : alomorfe do sufixo *-dade*
(ou: -i : vogal de ligação; *-dade*: sufixo)

Observemos, também, que os adjetivos terminados em *-z*, quando seguidos dos sufixos *-dade* ou *-íssimo*, alteram o *-z* em *-c-*, conforme o ilustram os exemplos:

- capaz / capacidade / *capacíssimo*
- feliz / felicidade / *felicíssimo*
- veloz / velocidade / *velocíssimo*

5) Destacar os morfemas constitutivos do vocábulo *desprezível*.

Partamos da comparação

desprezível
desprezo

que nos conduz à depreensão de *-ível*, sufixo.

A existência da forma *desprezável* permite-nos estabelecer outro par:

desprezível
desprezável

do qual destacamos o elemento *-i-* (e *-á-*).

Deveríamos classificar esse elemento como variante da vogal temática. Contudo, entre os adjetivos *desprezível* e *desprezável* há uma ligeira diferença de sentido (à semelhança do que ocorre com os adjetivos *vendível* e *vendável*). Como o único traço diferenciador entre esses adjetivos é a oposição *-i-* / *-a-*, somos obrigados a associar a ele a diferença de sentido. Considerando que as vogais temáticas são meramente classificatórias (cf., acima, p. 34), não podemos atribuir a elas um valor significativo. Essas observações levam-nos a não separar a vogal do sufixo propriamente dito, analisando *-ível* como um todo. Notemos que é essa a posição da maioria de nossos dicionários, quando

indicam o sufixo *-vel* sempre antecedido de uma vogal: *-ável*, *-ível*, *-ível*².

Prosseguindo com as comutações, temos

desprezo
prezo

o que nos permite destacar *des-*, prefixo.

Portanto, os morfemas depreendidos são:

des- : prefixo,
prez- : radical
ível : sufixo

Exercício: Depreenda e classifique os morfemas constitutivos dos vocábulos: *inegavelmente* — *impetuosamente* — *desgracioso* — *legalidade* — *aceitabilidade*.

Passemos, agora, a alguns exercícios de segmentação de formas verbais, destacando as dificuldades específicas.

6) Segmentar os morfemas componentes da forma verbal *descongelavam*.

Estabeleçamos, inicialmente, o par

descongelavam
congelavam

que nos fornece o morfema *des-*, prefixo.

Prosseguindo, temos

congelavam
gelavam

que nos possibilita a depreensão de *con-*, prefixo.

Isolados os prefixos, podemos ainda continuar:

gelavam
gelava

com destaque de *-m*, desinência número-pessoal.

² No exercício anterior, poderíamos, portanto, ter ligado a vogal temática *-a-* ao alomorfe *-bil-*, representando a variante por *-abil-*.

Partindo, agora, de *gelava*, temos

gelava
gela

o que nos leva a destacar *-va*, desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do indicativo da primeira conjugação).

Podemos, ainda, levantar um novo par,

gela
gelo

com destaque de *-a*. Como já foi observado acima, o par leva-nos a classificar esse *-a* como desinência de terceira pessoa do singular (em oposição ao *-o*); é o confronto com outras formas:

gelava / gelaremos / gelando

em que o *-a-* é constante, que nos permite classificá-lo como vogal temática da primeira conjugação.

Finalmente, a comparação

gela
canta

fornece-nos o radical, *gel-*.

Em resumo:

des- : prefixo
con- : prefixo
gel- : radical
-a- : vogal temática (1ª conjug.)
-va- : desinência modo-temporal
-m : desinência número-pessoal

7) Destacar os morfemas componentes da forma verbal *buscáveis*.

Não podemos, aqui, estabelecer o par: *buscáveis* / *buscava*, sem antes mostrar que *-ve-* é variante de *-va-*.

Comparando as formas *buscava* e *buscasse*, depreendemos *-va*, desinência modo-temporal (já especificada no

exercício anterior). Levantemos todas as formas correspondentes a esse tempo:

busca va
busca va s
busca va
buscá va mos
buscá ve is
busca va m

O quadro mostra-nos que *-ve-* figura uma só vez na coluna em que ocorre cinco vezes a forma *-va-*; trata-se, portanto, de uma variante da referida forma.

Feita essa observação, podemos, agora, retomar o par inicialmente apresentado:

buscáveis
buscava

que nos permite destacar *-is*, desinência número-pessoal. (Se não tivéssemos levado em conta o quadro acima, seríamos obrigados a depreender *-eis*.)

Finalmente, cotejando:

busca
fala

depreendemos *busc-*, radical.

Os morfemas segmentados são:

busc- : radical
-a- : vogal temática (1ª conjug.)
-ve- : alomorfe da desinência modo-temporal *-va-*
-is : desinência número-pessoal

8) Depreender os morfemas componentes da forma verbal *existia*.

Se estabelecêssemos, inicialmente, o par

existia
existisse

destacaríamos *-a* como desinência modo-temporal.

Contudo, a utilização de um novo par

existia
exista

possibilita-nos corrigir o resultado acima. As duas formas (*existia* / *exista*) passam a distinguir-se pela presença do *-i* em *existia*. Considerando que *-i-* é a vogal temática dos verbos da terceira conjugação e que a função dessa vogal é apenas classificatória, não pode ser associada a ela a diferença de modo/tempo entre as duas formas verbais. Essas observações levam-nos a destacar *-ia* como desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do indicativo da segunda e terceira conjugações).

Já vimos, à página 36, que a vogal temática deve ser sempre postulada. Quando ela não ocorre, é em virtude de regras fonológicas, como crase e elisão. No exemplo em questão, houve a crase da vogal temática *-i-* com o *i-* de *-ia*:

exist + i + ia = existia

É possível, ainda, prosseguir com as comutações

existia
existíamos

o que nos indica que a noção de primeira (ou terceira) pessoa do singular, em *existia*, está representada pelo morfema \emptyset (em contraposição a *existíamos*, em que *-mos* representa a primeira pessoa do plural).

Finalmente, se compararmos

existia
dormia

deprendemos *exist-* como radical. Convém observar, aqui, que a utilização de um par como

existia
partia

conduzirá a erros de segmentação. De fato, o elemento comum, nesse par, é *-tia*; os elementos diferenciais são *exis-*

e *par-*, ou seja, todos elementos desprovidos de significação e, portanto, sem valor morfológico (cf., acima, observação à p. 17).

A forma verbal *existia* é composta dos morfemas

exist- : radical
(*-i-*) : vogal temática (3ª conjug.)
-ia : desinência modo-temporal
 \emptyset : desinência número-pessoal.

Exercício: Depreenda e classifique os morfemas constitutivos das formas verbais: *bailemos* — *bebíamos* — *marcharam* (pret. mais-que-perfeito)

Os exercícios acima têm por objetivo ilustrar as técnicas de segmentação. Apresentamos, em seguida, alguns tipos de exercício mais variados.

9) Separar e classificar as desinências dos vocábulos: *senhores* — *moça* — *limpamos* — *chamáveis*

senhores

A comparação de *senhores* e *senhor* conduz ao destaque de *-es*, desinência de número plural. Podemos interpretar *-es* como alomorfe da desinência *-s*; outra solução consiste em postular a forma teórica **senhore*, à qual se acrescenta o *-s* desinencial (cf., acima, p. 31-2).

moça

A oposição *moça* / *moço* permite-nos depreender *-a*, desinência de gênero feminino.

O par *moça* / *moças* leva à depreensão do morfema \emptyset de singular.

Temos, assim: *moç* + *a* + \emptyset

limpamos

O cotejo com *limpávamos* possibilita o destaque do morfema \emptyset modo-temporal (presente do indicativo ou preté-

rito perfeito do indicativo, visto que a forma verbal está fora de contexto).

Opondo *limpamos* a *limpa*, destaca-se *-mos*, desinência número-pessoal.

Em resumo: *limpa* (tema) + \emptyset + *mos*

chamáveis

A comparação com *chamava* leva à depreensão de *-is*, desinência número-pessoal (relativamente à variante *-ve-*, de *-va-*, cf. observação referente ao exercício 7, acima).

O par *chamava* / *chamasse* permite a segmentação de *-va-*, desinência modo-temporal.

Temos, portanto: *chama* (tema) + *ve* (alom.) + *is*

Exercício: Destaque e classifique as desinências de: *luzes* — *damos* — *garota* — *temiam*

10) Destaque o sufixo dos vocábulos *normal* e *taquaral* e mostre se se trata do mesmo morfema nos dois casos.

Não poderíamos comparar, inicialmente, *normal* com *norma* e *taquaral* com *taquara*, porque esses pares nos levariam ao destaque de *-l*, que não tem valor de morfema.

Levando em conta os pares

espectro / espectral } paralelos a *norma* / *normal*
morte / mortal }

bambu / bambual } paralelos a *taquara* / *taquaral*
tomate / tomatal }

deprendemos o sufixo *-al*. Podemos, assim, afirmar que em *normal* e *taquaral* houve o fenômeno da crase:

norma + al = normal
taquara + al = taquaral

Em *normal*, o sufixo tem valor adjetival de relação, pertinência; em *taquaral*, indica quantidade, conjunto.

Em virtude da diferença de sentido, podemos afirmar que se trata de sufixos homônimos.

Como reforço a essa observação, note-se que o morfema *-al* não aceita as mesmas combinatórias nos dois vocábulos: de *normal* temos *normalizar*, *normalmente* e *normalidade*; em *taquaral*, essas seqüências não são possíveis: **taquaralizar*, **taquaralmente*, **taquaralidade* são formas inaceitáveis em nossa língua.

É, portanto, conveniente, de um ponto de vista sincrônico, distinguir dois sufixos *-al*, em português.

11) Com base nas construções: *sem nós* — *conosco* — *de nós* — *com nós mesmos*, indique em um quadro a distribuição do pronome *nós*.

Podemos ilustrar essa distribuição no quadro abaixo:

{nós}	prep. ≠ com + {nós} prep. com + {nós} + mesmos	prep. com + {nós} + # ³
/nós/	+	-
/nosco/	-	+

O quadro mostra que os alomorfes *nós* e *nosco* estão em distribuição complementar.

Exercício: Indique a distribuição dos pronomes pessoais tônicos *mim*, *ti* e *si* e estabeleça uma comparação com relação ao quadro acima.

Os exercícios acima apresentados e discutidos não tiveram por objetivo apenas a aplicação das técnicas explicitadas ao longo deste livro. Alguns aspectos da morfologia portuguesa foram também acrescentados. Lembremos, por

³ Este sinal indica pausa.

exemplo, como a insistência no caráter classificatório da vogal temática permitiu corrigir algumas segmentações (cf. exercícios 5 e 8); o exercício 11 mostra a complexidade do subsistema dos pronomes oblíquos tônicos em nossa língua.

Assinalemos, ainda, que foi nossa preocupação chamar a atenção do leitor para a ordem das comutações, a fim de evitar que alguns pares sejam estabelecidos antes da realização de certas comutações prévias, o que pode conduzir a segmentações ou a classificações falsas (cf., p.ex., exercício 7).

9

Vocabulário crítico

Alofones: é como se denominam as diferentes realizações de um fonema. Em português, o fonema /l/ apresenta os alofones [l], alveolar, e [ʎ], velar (substituído, no português do Brasil, por [w]). Convencionou-se representar os fonemas entre barras oblíquas, e os alofones, entre colchetes. A designação de alomorfes é paralela à de alofones (v. *alomorfes*).

Alomorfes: para os lingüistas americanos, de orientação distribucionalista, é a designação que se dá às diferentes realizações de um mesmo morfema. Assim, em português, o morfema {mim} apresenta, como alomorfes, /mim/ e /migo/, respectivamente (v. *distribuição complementar*). Há alguns critérios para estabelecer qual dos alomorfes de um determinado morfema representa a forma básica. Por convenção, representa-se a forma básica entre chaves, e os alomorfes, entre barras oblíquas (v. *alofones*).

Comutação: teste que consiste em substituir um fonema de um signo lingüístico por outro, a fim de verificar se a substituição acarreta uma diferença de sentido. Em caso afirmativo, tem-se um novo fonema; por exemplo, em /pa-

ta/, a substituição de *p-* por *b-* (/bata/) implica uma mudança de sentido. Obtemos, assim, os fonemas /p/ e /b/. Esse mesmo teste foi aplicado à análise morfológica: em *amamos* (primeira pessoa do plural), substituindo-se *-mos* por *-is*, obtém-se *amais* (segunda pessoa do plural), o que nos dá os morfemas /mos/ e /is/. Entre os linguistas norte-americanos, o termo mais freqüente é *substituição* (v. *par mínimo*).

Cumulação: quando um morfema apresenta dois ou mais valores gramaticais, sem que seja possível determinar a que elementos do segmento correspondem os diferentes sentidos. Em português, p.ex., a desinência número-pessoal *-ste* corresponde à segunda pessoa do singular, mas, como só figura no pretérito perfeito do indicativo, acaba adquirindo também o valor modo-temporal. A cumulação é também designada como *amálgama*.

Distribuição complementar: diz-se que as variantes de um fonema (alofones) ou de um morfema (alomorfes) estão em distribuição complementar quando aparecem em contextos exclusivos. Por exemplo, o fonema /l/ realiza-se como [l], alveolar, antes de vogal, e como [ʎ], velar, após uma vogal; o morfema {ti} realiza-se como /ti/ após qualquer preposição diferente de *com* (*de ti*, *em ti*), e como /tigo/ quando se segue à preposição *com* (*contigo*). Em resumo, onde ocorre uma variante, não pode ocorrer a outra.

Dupla articulação (da linguagem): de acordo com a teoria de André Martinet, a cadeia da fala pode ser segmentada em unidades portadoras de sentido (os monemas, aproximadamente correspondentes aos morfemas), as quais, por sua vez, se segmentam em unidades distintivas (os fonemas). Os monemas representam a primeira articulação da linguagem, e os fonemas representam a segunda articulação (v. *morfema*).

Formas dependentes: designação proposta por J. Mattoso Câmara Jr., indica a forma que nunca aparece isolada, embora apresente uma certa autonomia. Em português, são formas dependentes as preposições, que, embora ligando um antecedente a um conseqüente, admitem que se introduzam elementos entre elas e o conseqüente (comparem-se: livro *de Pedro* / livro *de* meu grande amigo *Pedro*). Em alguns casos, a autonomia se revela, não pela possibilidade de introdução de um novo elemento, mas pela mobilidade relativamente à forma a que se anexa (comparem-se: *fala-se* / *se fala*). As formas dependentes integram-se ao quadro bloomfieldiano de *formas livres* (v.) e *formas presas* (v.).

Formas livres: designação proposta por L. Bloomfield, na lingüística norte-americana de orientação distribucionista indica a forma que pode constituir por si só um enunciado; p.ex., em português, é o caso de um substantivo como *sol* (v. *formas presas* e *formas dependentes*).

Formas presas: segundo L. Bloomfield, é a forma que só aparece atrelada a outra(s) num vocábulo; como exemplos, em português, temos os afixos e as desinências (v. *formas livres* e *formas dependentes*).

Função: termo que, na lingüística moderna de orientação estruturalista, é marcado por uma certa polivalência. Empregamo-lo, aqui, com o valor de papel desempenhado por um elemento, ou seja, na acepção que tem essa designação na escola funcionalista.

Lexema (Ver *morfema*)

Lexia: é o nome que se dá à unidade lexical memorizada. Segundo B. Pottier, as lexias podem ser simples, compostas, complexas e textuais. Entre os diversos critérios que permitem depreendê-las, pode-se destacar o da não-separabilidade dos elementos componentes. Esse teste permite levantar um número de substantivos compostos

superior ao registrado em nossos dicionários e gramáticas, mais atentos ao critério ortográfico de representação dos compostos através de hífen ou de justaposição.

Morfemas: são as unidades mínimas significativas, apreendidas por comutação. Os morfemas de valor lexical, como, p.ex., os substantivos, pertencem a um inventário aberto (seu número é indeterminado e é sempre possível acrescentar um novo membro à série); os morfemas de valor gramatical (p.ex., os afixos, as preposições etc.) constituem inventários fechados, representados por elementos de número reduzido, cuja listagem figura nas gramáticas. A. Martinet designa as unidades mínimas significativas como *monemas*, reservando para os morfemas lexicais a denominação de *lexemas* e, para os gramaticais, a de *morfemas*. B. Pottier adota, como rótulo genérico, o termo *morfemas*; mantém a designação de *lexemas*, mas propõe, para os morfemas de A. Martinet, a denominação de *gramemas*. A rotulação de *semantemas*, proposta por J. Vendryes (e freqüente na obra de J. Mattoso Câmara Jr.), está, hoje, em desuso e deve ser substituída por *lexema*.

Par mínimo: é o par constituído de dois signos de sentido diferente e que, do ponto de vista do significante, se diferenciam apenas por um elemento: o fonema (na análise fonológica): /pata/ - /bata/; ou o morfema (na análise morfológica): /amamos/ - /amais/. É com base nos pares mínimos que efetuamos as comutações, que nos permitem apreender os fonemas (nos exemplos acima: /p/ e /b/) e os morfemas (acima: /mos/ e /is/) da língua (v. *comutação*).

10

Bibliografia comentada

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987. (Série "Princípios", n. 88)

Neste livro, a autora desenvolve os capítulos da derivação e da composição, em português. Pela ênfase dada ao aspecto semântico, mostrando os limites das análises predominantemente formalistas, constitui-se em um texto de leitura indispensável.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 20. ed. São Paulo, Nacional, 1976.

É, ainda hoje, a mais completa e atualizada gramática portuguesa, especificamente no capítulo da morfologia, em que são apresentadas técnicas propostas por L. Bloomfield, E. Nida e J. M. Câmara Jr. Acrescente-se que o autor avança na linha de pesquisa de M. Said Ali, uma das figuras de maior destaque do colégio Pedro II.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1933.

É o texto-base da lingüística distribucional, onde estão especificadas, entre outros tópicos importantes, as noções de formas livres e presas.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 8. ed. São Paulo, Nacional, 1984.

A partir desta oitava edição, profundamente modificada com relação às anteriores, o autor divulga as técnicas de segmentação e de classificação dos morfemas, com particular atenção à exemplificação portuguesa.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 7. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis, Vozes, 1969.

Introdutor do estruturalismo lingüístico no Brasil, M. Câmara destaca-se, também, pela preocupação constante com a renovação dos estudos de morfologia portuguesa. Seus capítulos sobre flexão nominal e verbal são profundamente inovadores com relação à tradição gramatical, e suas conclusões têm sido incorporadas em algumas de nossas gramáticas mais recentes.

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra, Atlântida, 1973. Tomo 2.

Como M. Câmara, este autor contribui bastante para a renovação dos estudos morfológicos do português. Muitas de suas observações completam e enriquecem as posições mattosianas. Sua leitura é sugestiva, visto que algumas de suas propostas se contrapõem às de M. Câmara.

HECKLER, E.; BACK, S.; e MASSINO, E. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo, Unisinos, 1984. 5 v.

É, no momento, o mais completo dicionário morfológico do português, com apresentação de famílias de palavras. Após as listagens dos vocábulos, devidamente segmentados, seguem-se colunas de classificação dos morfemas destacados. Constitui-se, assim, num acervo de

capital importância para novas pesquisas em morfologia portuguesa.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1976.

Trata-se de um texto importante, não só por divulgar, em português, as técnicas de segmentação morfemática, como, sobretudo, por estabelecer, com o devido destaque, os paralelismos entre as análises fonológica e morfológica.

LUFT, Celso P. *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1976.

Na parte de morfologia, o autor baseia-se nos estudos de M. Câmara. É, provavelmente, a gramática portuguesa mais fiel à obra mattosiana, embora um pouco esquemática em suas apresentações.

MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1970.

Obra de orientação funcionalista, expõe a teoria da dupla articulação da linguagem. Pela postura menos formalista, representa uma visão diferente da linha bloomfieldiana. (Há uma nova edição, com importantes acréscimos e esclarecimentos: MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*; nouvelle édition remaniée et mise à jour 1980. Paris, Armand Colin, 1980.) Existe tradução portuguesa: *Elementos de lingüística geral*. Trad. adaptada para o português por Jorge Morais-Barbosa. Lisboa, Sá da Costa, 1970.

NIDA, Eugene A. *Morphology*. Ann Arbor, Michigan, University Press, 1949.

É, sem dúvida, o texto mais completo sobre segmentação e classificação dos morfemas na linha distribucionista. Obra importante por sua grande repercussão, exerceu influência em muitos dos estudos de M. Câmara.

PERGNIER, Maurice. *Le mot*. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.

O interesse desta pequena obra reside no fato de o autor tentar recuperar o vocábulo como elemento fundamental nos estudos de morfologia, o que conduziria a novos caminhos a análise morfológica.

POTTIER, Bernard. *Linguistique générale*. Paris, Klincksieck, 1974.

Nesta obra, o autor expõe, mais detalhadamente, o conceito e as técnicas de depreensão das lexias. (Há tradução brasileira: *Lingüística geral*, volume 7 da coleção Linguagem, pela editora Presença, do Rio de Janeiro.)

VENDRYES, Joseph. *Le langage*. Paris, Albin Michel, 1968.

Anterior ao *Curso de lingüística geral*, de Saussure, *Le langage* apresenta, em linguagem clara e agradável, um panorama detalhado das idéias lingüísticas do início do século. O capítulo intitulado "Différentes espèces de mots" ("Diferentes espécies de palavras", em que se registra, pela primeira vez, a ocorrência do termo *seman-tema*) exerceu grande influência em algumas de nossas obras lingüístico-gramaticais.

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220 **A década de 50 — Populismos e metas desenvolvimentistas no Brasil**
Marly Rodrigues

221 **A década de 60 — Rebelião, contestação e repressão política**
Maria Helena Paes

222 **A década de 70 — Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**
Nadine Habert

223 **A década de 80 — Brasil, quando a multidão voltou às praças**
Marly Rodrigues

224 **Grande sertão: veredas — Roteiro de leitura**
Kathrin Holzermayr Rosenfield

225 **O Impressionismo**
Juan José Balzi

226 **A Semana de Arte Moderna**